

Jornal Doca – Diário Oficial da Cultura da Amazônia: Salvaguardando a história¹

Júlio César Matos DELGADO²
Kamila dos Santos NASCIMENTO³
Renato Souza do NASCIMENTO⁴
Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo baseia-se na construção dos ideais e na elaboração experimental de um jornal que irá abordar aspectos que revelam a história cultural amazônica, em especial do povo paraense. Doca: Diário Oficial da Cultura da Amazônia é voltado para estudantes dos ensinos fundamental e médio, das redes pública e particular, para que complementem a formação e possam adquirir conhecimentos que na maioria das vezes são esquecidos e não repassados, seja na escola como na própria sociedade. Cultura, turismo e literatura são alguns dos temas editoriais da publicação que alia conhecimento e entretenimento contribuindo à divulgação de uma história rica, porém, por muitos – talvez os principais interessados, ainda desconhecida. Por ser principalmente destinado a um público infanto-juvenil, o projeto gráfico propôs um layout diferenciado do conservadorismo que prega a maioria dos jornais.

PALAVRAS-CHAVE: jornal; cultura; comunicação; História da Amazônia; jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

Apresentam-se nesse trabalho os ideais de criação de um jornal experimental desenvolvido por estudantes do quinto semestre de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará (Estácio FAP). A fim de descobrir a fundo e divulgar a cultura e as gentes da Amazônia, o jornal Doca pretende diminuir a ignorância dos próprios “parauaras” que não conhecem aquilo que é legítimo de um povo. Diante disso, a publicação pretende levar quinzenalmente aos seus leitores personagens e histórias que fazem da cultura popular paraense única.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal-laboratório impresso.

² Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Estácio FAP, email: juliomatosdelgado@gmail.com

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Estácio FAP, email: monteirokamilanascimento@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Estácio FAP, email: renato.nascimento@estacio.br

Durante a disciplina Cultura Brasileira foi proposto aos alunos de jornalismo que realizassem um mapeamento cultural do Pará e em um minucioso trabalho de pesquisa apresentassem manifestações culturais que embora aconteçam há muito, hoje ainda são desvalorizadas e algumas até pouco conhecidas. Nessa exposição, os estudantes mostraram o carimbó, o tecnobrega, as guitarradas, entre outros.

Quando na disciplina Planejamento Gráfico e Editorial foi pedido que os alunos produzissem utilizando os conhecimentos adquiridos em sala de aula, os autores deste trabalho optaram pela construção de um jornal experimental voltado para um público jovem que passasse a ter acesso às tradições culturais pouco divulgadas, manifestações que são uma forma de elo com a população. Foi então que se optou pelo aproveitamento dos conhecimentos adquiridos durante as aulas da disciplina Cultura Brasileira.

Instrumento fundamental de um curso de jornalismo, o jornal laboratório dá condições ao estudante de realizar treinamento na própria escola, possibilitando que coloque em execução, ainda que experimentalmente, os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas da área técnico-profissionalizante (LOPES, 1989, p.49).

Utilizando uma linguagem simples e direta, mesmo que seu público-alvo sejam crianças e adolescentes, o jornal quer chegar a maior quantidade de leitores independente de suas idades, gêneros, classes sociais e formação acadêmica, ou seja, sem discriminação a nenhum modelo de público. Este jornal diferencia-se dos demais pela sua distribuição quinzenal.

Para um jornal que atraia um público mais “descompromissado” – os jovens, o jornal Doca surge com uma nova roupagem, com textos curtos e valorizando as imagens com complementam e também trazem conteúdo adicional. O jornal preza por ser uma publicação com identidade própria, feita para informar, instruir e ao mesmo tempo entreter o seu leitor.

Os próprios estudantes, Júlio Matos e Kamila Nascimento, assumem os papéis de editores dos conteúdos a serem veiculados, pautando, reportando e fotografando como que se pode ver na primeira edição - produzida de forma experimental, utilizada como base para este artigo. Kamila inclusive é a responsável pela diagramação e arte final do produto.

2 OBJETIVOS

Com o jornal experimental Doca objetiva-se disseminar a história cultural do Pará, permitindo que cada vez mais as pessoas tenham acesso à sua própria história, principalmente crianças e jovens como forma de manter sempre viva a cultura de um estado e sua região, perpetuando-a entre gerações. O jornal irá retratar em suas páginas manifestações culturais, lugares pouco conhecidos, pessoas com alma e corpo legitimamente paraenses, o que muito contribuíra para o desenvolvimento cultural, turístico e principalmente histórico do Pará, e também para despertar o interesse dos leitores pelo conhecimento da própria história.

3 JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Noblat (2002, p. 22) diz que: “Antes de ser um negócio, o jornal deve ser visto como um serviço público. E como servidor público deverá proceder. Mais do que informações e conhecimentos, o jornal deve transmitir entendimento. Porque é do entendimento que deriva o poder. E em uma democracia, o poder é dos cidadãos”. Confirma-se nas palavras do autor o papel social que os jornais devem ter diante da sociedade e que o jornal Doca busca compreender servindo como multiplicador de culturas do povo para o povo.

Prezando pelo jornalismo cultural, busca-se com esse projeto “convidar e provocar o leitor, notando ainda que essas duas ações não raro se tornam a mesma: o leitor que se sente provocado por uma opinião diferente está também sendo convidado a conhecer um repertório novo, a ganhar informação e reflexão sobre um assunto que tendia a encarar de outra forma” (PIZA, 2003, p. 68).

Piza (2003) discorre sobre ser verdade que muitos jornalistas culturais na atualidade são despreparados ou até mesmo colocam-se a frente de seu objeto de análise, porém isso não tira a importância de seu papel nem a possibilidade de que lance luz sobre os temas. “Alguns artigos de jornal, na verdade, são mais originais que grande parte das exaustivas teses de pós-graduação que se leem por aí. Tamanho não é apanágio de profundidade”. (PIZA, 2003, p.90)

O autor também reforça a necessidade de que o jornalismo cultural brasileiro avance, reconquiste uma qualidade perdida, uma importância mais decisiva na formação das pessoas.

Mesmo antes de me decidir pelo jornalismo, gente como Bernard Shaw, H. L. Mencken, Edmund Wilson, Paulo Francis, Ivan Lessa, Millôr Fernandes e Robert Hughes fez minha cabeça. Eles me cativaram pela abrangência de seu jornalismo cultural, pela personalidade que investiram em cada frase, por escreverem sobre livros, exposições, política, comportamento etc. sempre com um olhar muito próprio, um estilo quente e direto, rico em “insights”, que mexeu com a minha visão de mundo tanto quanto a leitura de Shakespeare e Darwin. (PIZA, 2003, p. 116).

Logo, segundo Piza (2003), o jornalismo cultural tem de estar bem informado sobre os mais diversos assuntos. E por isso mesmo, abrir-se para outros assuntos não significa abandonar sua razão de ser, que é a avaliação dos produtos e eventos culturais, de suas personalidades e tendências, nas formas da crítica, da entrevista, da reportagem e da coluna, em suas mais diversas camadas de tratamento, em seus mais diversos suportes (jornal, revista, internet, rádio, TV, livro).

O jornal Doca surgiu através de trabalho acadêmico de alunos do Curso de Comunicação Social – Jornalismo como forma de um projeto que permitisse utilizar dos conhecimentos apreendidos na graduação para criar um meio que resgatasse e difundisse a cultura do Pará, contribuindo, assim, para a preservação da cultura regional. Aponta-se para o caráter multidisciplinar deste projeto já que seus autores combinaram os conhecimentos adquiridos tanto na disciplina Cultura Brasileira, quanto na disciplina Planejamento Gráfico e Editorial.

A idealização e produção do jornal de forma experimental foram realizadas dentro da própria Faculdade Estácio do Pará, visando atender as necessidades de uma sociedade que não reconhece e valoriza o que é seu, o que faz parte de suas raízes. Os conteúdos que irão encartar as edições deste jornal contribuem para fortalecer laços entre a cultura e a história com a sociedade.

As diversas diferenças nas funções perceptivas entre as culturas parecem estar mais associadas ao ambiente em que o indivíduo vive. Uma mudança de ambiente geográfico pode alterar sua função perceptiva radicalmente, mas a função perceptiva de seus descendentes criados no novo ambiente geográfico não será diferente da dos moradores do novo habitat. (COLLARO, 2005, p. 33).

As pautas, bem como as matérias utilizadas na primeira edição do jornal são de autoria dos próprios autores deste artigo, Júlio Matos e Kamila Nascimento, estudantes de jornalismo da Estácio FAP, que também contaram com a ajuda de voluntários que cederam textos e imagens fundamentais para a elaboração desta edição de número 01 da publicação realizada como um trabalho acadêmico.

O projeto do jornal Doca respalda que os conhecimentos adquiridos em sala de aula podem e devem ultrapassar as paredes dali, permitindo que os estudantes tenham acesso e utilizem as ferramentas oferecidas pela instituição de ensino superior, como os laboratórios de informática com bons equipamentos e programas para produção gráfica. Não se pode esquecer-se de mencionar que desenvolver um projeto como este contribui também para formar profissionais responsáveis, capazes de cumprir prazos, atingir metas sempre de acordo com princípios éticos da comunicação, para atender os interesses de um público-alvo, encarado como um público carente de informação especializada sobre Cultura e História da Amazônia paraense.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

DO PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

O projeto gráfico do Jornal Doca foi pensado para um público específico, portanto, a diagramação foi cautelosa nas escolhas de elementos gráficos de compõe um jornal. Primeiramente foi escolhida a faixa etária do público alvo para poder então escolher estilos e tamanhos de fontes, assim como cores das editorias. Baseando-se nos conhecimentos de Collaro (2005 e 2007) em produção gráfica, o jornal foi produzido voltado para leitores entre 6 e 18 anos de idade. As cores também foram fundamentais para a customização dos cadernos.

Por ser um público jovem, surgiu a preocupação e atenção em não tornar a leitura cansativa. Procurou-se dinamizar a leitura usando pequenas técnicas que são utilizadas por grandes jornais e, foram um pouco mais adaptadas por ser um material voltado para um público que perde a atenção e interesse rapidamente quando deparados com leituras densas. Dependendo dos elementos utilizados na página, alguns textos foram organizados em apenas uma coluna, porém pequena, e outros em duas ou três colunas.

Segundo Collaro (2005) é comprovado que o texto pode provocar cansaço dependendo do número de vezes que o leitor pisca os olhos ao ler apenas uma linha. Por essa razão, as colunas e números de caracteres foram reduzidos para tamanhos que resultem em uma leitura dinâmica e que prenda a atenção do leitor por maior tempo possível.

Tentando agregar estilos de diferentes classes, as cores do jornal fazem um *mix* de cores quentes e frias. Segundo análises, classes distintas têm diferentes preferências por tonalidades de cores. Enquanto um prefere cores mais chamativas, quentes, a outra opta por tons mais pastéis. Pensando nisso, o jornal procurou juntar estes gostos para agradar todos os leitores. Nas editorias podem-se encontrar cores mais fortes. Ao fundo, nota-se que um tom frio de azul está presente para dar um diferencial ao jornal, tornando o mesmo mais atrativo aos que irão usufruir. O tom azul em todas as páginas, em ligação com o azul da fonte escolhida para formar o título do jornal, além do significado que o azul tem para os brasileiros: está tudo bem, positivo etc.

Na editoria “Em Cartaz!”, por exemplo, a cor característica é o azul, a qual, comprovadamente, é uma cor fria, porém dinâmica. A escolha desta cor para a editoria se deu pelo objetivo de assuntos a serem abordados no espaço. Na primeira edição, foram escolhidas duas matérias sobre projetos de audiovisual produzidos por profissionais da Amazônia, contando fatos e histórias da mesma e claramente, produzida na própria região. Por ser conhecida pelas histórias lúdicas, que sempre que contatadas, despertam a imaginação, o azul foi escolhido para chamar a atenção para esse imaginário, pois a partir de uma análise dos significados das cores, encontra-se que o azul nos remete a viagens imaginárias. Também é interessante notar que partindo da análise que o jornal trata de cultura e que essa cultura pode se tornar muitas vezes lúdica, o azul frio de cada página reforça esta ideia.

Com seções bem definidas que atendem a diferentes públicos, os jornais atuais sofrem muita concorrência da mídia digital, mas são mais respeitados como formadores de opinião. Ainda assim, hoje é necessário empregar muita criatividade no design dos jornais para que se mantenham atraentes frente à internet e outros meios mais recentes, mesmo que somente em cadernos específicos, com design mais atraente. (COLLARO, 2007, p. 62).

A mesma explicação se dá para as cores das outras editorias: Revelando, Perfil, Baú, Dica do Leitor e Amazônia Literária. Todas as editorias foram pensadas para abordar a cultura da região Amazônica em vários ângulos. Para ajudar nas percepções, as cores são fundamentais assim como o ambiente, como explica:

As diversas diferenças nas funções perceptivas entre as culturas parecem estar mais associadas ao ambiente em que o indivíduo vive. Uma mudança de ambiente geográfico pode alterar sua função perceptiva radicalmente, mas a função e perceptiva de seus descendentes criados no novo ambiente geográfico não será diferente da dos moradores do novo habitat. (COLLARO, 2005, p. 33)

As técnicas adotadas no trabalho colaboram para inserir este público no cenário cultural de sua localidade resgatando a herança cultural, mesmo sabendo que este público se encontra em uma longa distância do ambiente geográfico que seus pais viveram alguns anos atrás.

O jornal tem o formato tabloide, medindo 297mm x 420mm. O espaço foi trabalhado para confortar textos e imagens que pudessem, juntas, conquistar a atenção do leitor, convidando-o a ler toda a matéria. Também foi pensado o tamanho das fontes que compõe o corpo dos textos, dos boxes, subtítulos e títulos. Cada um tem tamanho e fontes distintas.

Os títulos tem formado arial rounded MT bold, no tamanho 36. Os subtítulos têm o tamanho menor, 12. O corpo dos textos tem tamanho e fontes diferentes dos títulos e subtítulos. Pensando na boa leitura, foi escolhida uma fonte com serifa, angdana new. Esta fonte tem o tamanho bem reduzido comparado ao da arial rounded, se tornando muito menor, portando os textos estão em tamanho 14. Os tamanhos das fontes se baseiam no público alvo.

Textos voltados para crianças com menos de 7 anos é recomendado o tamanho 24. Já para aquelas que têm 7 ou 8 anos de idade o ideal é tamanho 18. Com o amadurecimento do pequeno leitor, o tamanho da fonte vai diminuindo: de 8 a 9, tamanho 16; de 9 a 10, tamanho 14; de 10 a 11, tamanho 12 e partir dos 12 anos a fonte já pode diminuir para tamanho 10.

Estes padrões de tamanhos e fontes determinados para o jornal não se aplica aos textos que ficam em boxes. Agora, as fontes não tem serifa e tem a cor parecida com o fundo do Box. Em Collaro (2005, p. 68), “caracteres serifados e contrastados podem desfavorecer a legibilidade quando usados sem um critério contrastante em relação às cores”.

Os boxes tem outra estratégia. Estudos analisam o grau de memorização de informação a partir da forma do objeto. Como o jornal pretende lidar com um público mais jovem, é interessante buscar formas de aprendizado. Segundo as análises, os boxes em forma de círculos ajudam mais na memorização rápida. A explicação é que as formas circulares concentram mais a expansão das cores. Logo depois do círculo vem o retângulo e formas triangulares.

Intenciona-se com o layout apresentado neste projeto, que vai de encontro aos jornais tradicionais, ofertar mais atratividade, o que há de permitir maior interação com o leitor. Para uma leitura mais agradável e visando melhor compreensão, fotografias terão espaço de destaque para ilustrar e permitir melhor assimilação do conteúdo escrito, assim como os boxes.

Em Doca boxes são bastante utilizados para tornar a leitura mais leve. “Eles tornam as coisas mais vivas, ricas: cada boxe é uma nova oportunidade para mais um título irresistível. Eles esclarecem: destacam pontos importantes quando colocados no alto da página; minimizam pontos sem importância no pé da página. Eles dão coesão e personalidade ao produto quando seu formato é padronizado e repetido de modo consistente”. (WHITE, 2006, p. 171).

- Periodicidade: Quinzenal
- Distribuição: Gratuita para escolas de Belém, Castanhal e Santa Isabel do Pará, selecionadas a partir de seu desempenho perante o Ministério da Educação (MEC).
- Publicidade: Prefeitura Municipal de Belém; Governo do Estado do Pará; Faculdade Estácio do Pará; comerciantes.
- Tiragem: 500 exemplares na primeira edição.
- Formato: Tablóide, medindo 297mm x 420 mm.

- Páginas: A publicação tem um total de 12 páginas.
- Imagens: Por conter muito sobre Cultura e Turismo o uso de fotografias é valorizado no projeto.

5 CONSIDERAÇÕES

Com abrangência de temas variados, o jornal Doca chegará aos leitores com conteúdos capazes de causar reflexões e discussões. As editorias do jornal foram criadas a partir de reuniões entre os idealizadores do projeto, que prezaram sempre pela identidade da publicação, que acaba permite o diferencial deste trabalho.

O jornal Doca – Diário Oficial da Cultura da Amazônia possui 6 (seis) editorias, além do editorial que trás na página 2 (dois) uma breve apresentação do conteúdo da referida edição. Todas as editorias possuem clareza no nome e buscam cumprir com o objetivo de relacionar matérias de temáticas próximas.

- Editorial: Apresentação sucinta dos conteúdos da edição.
- Revelando: A novidade sendo apresentada: na fotografia, na culinária, na música e em outros segmentos.
- Em Cartaz: Audiovisuais que narram a Amazônia.
- Perfil: Entrevista exclusiva.
- Baú: História de quem fez história.
- Dica do Leitor: A cultura pelo olhar do outro.
- Amazônia Literária: Obras que valem a leitura.

Sobre o caráter cultural do jornal, os autores deste trabalho reconhecem “o preconceito contra esse tipo de notícia, que se alimenta da falsa noção de que o jornalismo cultural se encerra na função de serviço ou roteiro” (PIZA, 2003, p. 59), e desmistificar essa máxima é intuito do projeto. Também em Piza (2003) lê-se:

Quantas vezes não lemos a resenha de um filme que terminamos não vendo? Mas aquela resenha em si é veículo de informação e reflexão para o leitor. Você pode querer ler bastante sobre a mostra de Picasso e Matisse que é tema de debate em vários lugares influentes, até mesmo para se informar sobre a existência desse debate e de seus termos, ainda que não vá ter a chance de ver a mostra (PIZA, 2003, p. 59).

Assim como nas demais áreas, ao fazer jornalismo cultural se deve atentar a dicas que são fundamentais para escrever uma reportagem ou no ato de entrevistar. Dentre as dicas dadas por Piza (2003), na produção do jornal Doca houve a preocupação ao dar títulos, propor fotos, fazer legendas, chapéus e olhos, em interagir com a diagramação. Segundo o autor, esses recursos dão a cara e cor ao texto e é fundamental que tenham coerência entre si. Nada mais chato para o leitor do que uma produção visual que promete uma matéria que não é aquela e vice-versa.

REFERÊNCIAS

COLLARO, A. C. **Produção gráfica** – arte e técnica da mídia impressa. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

LOPES, D. F. **Jornal Laboratório** – Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus editorial, 1989.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um Jornal Diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

WHITE, J.V. **Edição e Design**: para designers, diretores de arte e editores. São Paulo: JSN Editora, 2006.